

# INTERVALO ANALÍTICO



Detalhe da obra "Américas", de Arjan Martins, exibida no MAM Rio, recém-adquirida pelo Itaú Cultural

## MATÉRIA DA CAPA

### *Rotas da Escravidão*

*"O grande intervalo Atlântico entre dois povos, duas cores, espaço intermediário de possível transição reparadora, agora sendo cruzado em via inversa e com opostas intenções: integração e aprendizado com o Outro do desconhecido."*

**Por Miguel Sayad**  
página 3

## FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

### *Homenagem a Julio de Mello*

*"Julio de Mello Filho nos deixou. Deixou também nos que o conheceram a lembrança marcante do psicanalista múltiplo, bravo defensor de uma Psicanálise no e além do divã."*

**Sandra Gonzaga**  
página 4

## EM QUE PONTO VOCÊ ESTÁ?

### *Michel Laub*

*"...o tema geral da tolerância, que tem a ver com um tema sempre tratado nos meus livros: identidade. A fronteira entre tolerância e intolerância é a medida em que o mundo nos aceita como somos."*

**Por Tiago Franco**  
página 8

## COLUNA DO INSTITUTO

### *É preciso transver o mundo*

*"O que se transforma quando se pensa Psicanálise?"*

**Por Daniel Senos**  
página 6

# Travessias e Turbulências: do primitivo e humano

**Olhos Em Chama**  
Pareciam chamadas  
as lágrimas  
os meus olhos  
pequenos demais  
para tão violento maron de dor  
A minha voz  
Sumida  
O meu grito  
Estrangulado  
A minha garganta  
Sem cordas  
Como chorar tanta mágoa?

O primeiro *Intervalo Analítico* do ano abre o diálogo com algumas considerações sobre o que é humano ou como se constroem vidas na dor, no sofrimento, na invisibilidade do sujeito frente ao horror que a dominação e o sadismo impõem sobre um semelhante. A diáspora africana, a partir da escravidão, sem dúvida, deixou marcas e interrogações. Como perpetuamos e forjamos relações de ódio desde a tenra infância? O que podemos aprender com as rotas de ida e vinda que até hoje sangram o Atlântico ou as ruas do Rio de Janeiro?

Essa é a matéria de capa na qual apresentamos: *Rotas da Escravidão*, primeira divulgação do II Congresso Psicanalítico de Países de Língua Portuguesa este ano, em Cabo Verde, por Miguel Sayad. Tradicionalmente, os membros da SBPRJ participam da coordenação, do intercâmbio de políticas públicas de saúde mental e da transmissão das ideias psicanalíticas em parceria com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Em 2011, foi realizada uma viagem em Caravana, aproximadamente 40 psicanalis-

tas e intelectuais, para Maputo, Moçambique, culminando com a exposição do acervo de fotos da SBPRJ, que narrou, por meio de imagens, a viagem. Este encontro incentivou-nos a continuar refletindo sobre a aproximação do modelo psicanalítico com a cultura africana, estendida para além-mar, em terras brasileiras. Seguindo as rotas psicanalíticas, daremos um salto para a entrevista que Gabriela Psczcol Krebs realizou com Tania Harkavi, de Israel, membro da ONG Women Wage Peace. Excelente oportunidade para refletirmos sobre as guerras que têm eclodido no mundo e de avaliarmos como sentimos a destrutividade que nos cerca. Tania trabalha em uma ONG de mulheres de todas as origens ou seitas religiosas lutando pela paz. Uma linguagem feminina para a busca da paz. Mulheres que geram vida, com filhos ou não, e que se reúnem para evitar que seus filhos e netos sigam para a guerra. Será que estão mais preparadas para evitar conflitos do que os homens? Como as mulheres podem contribuir junto aos governos de seus países? Sabemos que criança não é soldado, embora em muitos países essa aberração tenha se tornado banal. E que violência gera violência, como dizia o poeta Gentileza.

Outra novidade é sobre a Coluna Psicanálise e Arte: *Em que ponto você está?*, criada por Marina Tavares, contando com os colaboradores Sandra Gonzaga e Tiago Franco, que entrevistou nesta edição o escritor Michel Laub. Ponto de encontro entre psicanálise e literatura, conversa instigante que nos leva aos meandros do inconsciente. Usufruímos ainda da colaboração de Eunice Raposo de Mello, Bernard Miodownik, Amaury de Oliveira Queiroz, Anna Lúcia



Melgaço Leal Silva e Sandra Gonzaga para a homenagem ao querido *Júlio de Mello Filho*, colega inesquecível pelo conhecimento psicanalítico e grande mestre que pude aproveitar do carinho, carisma e alegria. Aprendizado para a vida. Desfrutem de todas as matérias que foram preparadas pela equipe com toda dedicação e vigor que a Psicanálise nos inspira. *Que 2018 nos surpreenda pela solidariedade e verdadeiras transformações!*

## Ninguém Reconhecia Ninguém

Quem é quem?  
Quem será quem  
Nas interrogações  
Dos nossos herdeiros  
Quem perdoa  
Quem condena?  
É preciso responder  
Sim  
Aos nossos anseios  
Não  
Aos nossos desvarios  
Rostos  
Sim  
Às mãos que se estendem  
Às vozes  
E quem escuta?

*Poesias de Maria Odete da Costa Soares Semedo*

**Lúcia Palazzo**  
Editora

## INTERVALO ANALÍTICO

**Editora:** Lúcia Maria de Almeida Palazzo

**Colaboradores do Intervalo Analítico:** Eloá Bittencourt Nóbrega, Marina Tavares, Mônica Aguiar, Luiz Fernando Gallego, Sandra Gonzaga e Silva, Tiago Franco, Samantha Nigri e Adriana Lasalvia

**Secretária:** Celyne Maués / **Projeto Gráfico e Editoração:** Fantastico Studio di Design / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

*As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.*

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2017-2018

**Presidente:** Wania Maria Coelho Ferreira Cidade; **Vice-Presidente:** Viviane Frankenthal; **1º Secretária:** Luciana Carvalho dos Santos; **2ª Secretária:** Eloá Bittencourt Nóbrega; **1º Tesoureira:** Ângela Barbosa Moura; **2ª Tesoureira:** Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos / **Instituto de Ensino e Formação Psicanalítica:** Fernanda de Medeiros Arruda Marinho (Diretora), Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Vice-Diretor), Maria Elisa Alvarenga (Secretária) / **Conselho Científico:** Ana Maria Sabrosa G. C. Nogueira (Diretora), Monica Maria Martins Aguiar (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Haydée Cortes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria de Fátima Lobo Amim (Diretora), Claudia Fonseca Bernardes (Secretária) / **Departamento de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação:** Sonia Bromberger (Diretora), Margaret Rose C. Waddington Binder (Secretária) / **Departamento de Difusão da Formação Psicanalítica:** Magda Rodrigues Costa (Diretora), Regina Wenkert (Secretária) / **Site:** Maria Lucia Moret de Carvalho



Tema do próximo Congresso Psicanalítico de Países de Língua Portuguesa em Cabo Verde, de 15 a 18 novembro de 2018.

O grande intervalo Atlântico entre dois povos, duas cores, espaço intermediário de possível transição reparadora, agora sendo cruzado em via inversa e com opostas intenções: integração e aprendizado com o Outro do desconhecido.

Na TRIEB, dedicada ao Congresso realizado em 2016, em Lisboa, lê-se:

“O MAR COMO FRONTEIRA,  
A LÍNGUA COMO PONTE”

Nesta rota de retorno pelas vias abertas pelos infames navegantes negreiros, vamos em busca de uma nova objetividade nas relações entre negros e brancos, no reconhecimento daquilo, *forcluido* e dissociado, das relações passadas ainda presentes, devido à sua denegação e silenciamento, e esperamos, gradualmente, ir reconhecendo um novo sentido para este mesmo mar:

## MAR COMO PONTE

Para o aprendizado e integração de um modo diferente de organização social e de um modelo diferente de desenvolvimento infantil e sexual e de crenças no sobrenatural.

O que que tem de relevante povos tão diferentes e distantes falarem a mesma língua? Este sintoma pode nos revelar que tipo de organização inconsciente ou, ao nível sociológico, que tipo de silêncio oculto está encoberto.

Qual a relação de compromisso entre a língua recalcada e as forças recalcentes? Entre a pulsão do desejo e a conveniência de manter o recalçamento.

O movimento escravocrata foi concebido a partir da onipotência paterna instrumentalizando e possibilitando a realização da **pulsão sádica** em sua forma de conquista e espoliação e em sua forma *sádico purificado*: massacre, e suplício e *sádico sexual*: os estupros.

# Rotas da Escravidão

A moral, tributária de um eu idealizado, algo acima do eu, muito severo e pudico, condenatório do prazer do gozo e que sustentava tais práticas sádicas, era uma espécie de delírio místico de flagelo e atração por uma heroicidade demoníaca: a tortura como forma de submissão ao Senhor Deus = ao seu Senhor: salvação cínica das almas.

Os próprios defeitos e a "maldade interna", ou "as partes más", são identificatoriamente projetadas, expelidas sobre o outro, que é identificado como dejetivo, como coisa má, que deve ser purificada pelo exercício do flagelo ou morto em sofrimento purificador: o fogo. Esse quadro, e a sociedade que nele tem sua origem, terá um longo caminho a percorrer até o reconhecimento e reparação do mal feito.

Esse movimento de reparação abre vias de modificação de organizações sociais, ainda hoje sustentadas por esses mitos sobre o ser homem e do valor da exploração e submissão dos mais fracos e dos povos mais fracos, o que, evidentemente, é simbolizado na submissão ao Deus do Antigo Testamento: o elemento chave de justificação do tráfico de escravos e sua aceitação por quase toda sociedade europeia.

## LINGUAGEM COMO FRONTEIRA

A repressão não só dos costumes, como da própria linguagem falada entre os variados povos submetidos ao regime colonial, uma versão menos sádica que a escravocrata, mas ainda segundo uma lógica do ser superior implementando a palavra do Senhor, proibindo as línguas maternas entre os povos dominados, de modo que não houvesse fronteira que pudesse ser baluarte de defesa das identidades não europeias.

As rotas da escravidão, aquela que escraviza o escravagista ao seu impulso sádico infantil e desrespeitoso à alteridade, começa a constituir-se desde a primeira infância, na relação turbulenta precoce com uma mãe que vive sob a opressão e pavor do pai, e logo na identificação com o pai sádico idealizado que violenta as mulheres e combate os rivais homens com crueldade e violência catártica, determinando-se aí, no circuito edípico, esse caráter que, poderíamos hipotetizar, como o caráter de predisposição à uma atividade escravagista.

**Miguel Sayad**  
mi.sayad@gmail.com



*Cela dos escravizados rebeldes do Castelo de São Jorge da Mina, onde eles eram deixados sem água e comida até a morte, para que seus gritos servissem de lição aos outros. Elmina, Gana. Foto de Cesar Fraga*

# Homenagem a Julio de Mello Filho

"Julio de Mello Filho nos deixou. Deixou também nos que o conheceram a lembrança marcante do psicanalista múltiplo, bravo defensor de uma Psicanálise no e além do divã." (Sandra Gonzaga)



**Trazer um pouco da história do meu convívio de mais de 40 anos com Julio de Mello Filho talvez seja a forma de tornar universal aquilo que me é próprio. Acredito que muitos o reconheçam no breve retrato que faço aqui do professor, supervisor, analista, escritor e ser humano que ele foi.**

Até a década de 70, os alunos do curso de Medicina da UFRJ eram divididos em três grupos e destinados a hospitais diferentes. No que eu estava, não havia nada relacionado à saúde mental, meu maior interesse. Procurei o Serviço de Psicossomática, chefiado por Julio no Hospital São Francisco de Assis. Recebeu-me e logo fui incluído nas discussões do Grupo Balint. Supervisionado pela sua fina sensibilidade psicanalítica, treinei as primeiras psicoterapias. Havia muitos casos de depressão originados por lutos patológicos. Emprestou-me para ler *Culpa y depresión*, de Leon Grinberg. Pouco entendi do conteúdo na época, mas foi pura emoção esse contato com um livro que guardava os mistérios da Psicanálise.

**Conheci Julio em meu aniversário de 18 anos. Ainda usava uniforme do Pedro II e ele já era médico assistente do Prof. Magalhães Gomes, em hospital universitário. Logo percebi ser ele uma pessoa brilhante, curiosa, trabalhadora e envolvida com estudo, cultura, clínica médica e, posteriormente, Psicanálise.**

Namoramos e casamos em 1 ano e meio. Nossa casa sempre cheia de alunos, família e amigos, num ambiente que juntava arte, política e ciência. Julio escolhia bem e fazia as pessoas crescerem. A mim influenciou na escolha da Psicanálise. Foram mais de 40 anos de amor, amizade, companheirismo, lutas e cuidado! Ele se foi deixando um legado importante: livros publicados, uma geração de profissionais, um filho amoroso, sensível, inteligente.

Minha admiração pelo resto da vida.

**Eunice Raposo de Mello**

nós, sua maior presença científica foi no que hoje chamamos de *Psicanálise em extensão* fora do *setting* tradicional, na universidade e com os diversos tipos de trabalho em grupo. E tinha o Julio político das raízes pernambucanas. Nos últimos anos, mesmo com a saúde mais fragilizada, sempre acompanhou o noticiário sobre o que acontecia aqui e no mundo. Após sua morte, aflorou-me a recordação de outro momento em que estivemos juntos. Fomos, ele e eu, ao comício das Diretas Já, na Candelária. Um dia histórico em nosso país, que me orgulho de ter na minha história com ele.

Julio, um lutador.

**Bernard Miodownik**

**O que dizer em poucas palavras de uma amizade que perdurou por 52 anos? Trata-se do amigo Julio de Mello Filho, grande figura humana, excelente psicanalista, sensível aos problemas sociais da nossa população, respeitado teórico da Psicanálise e com grande capacidade de atrair pessoas que aderiam às suas propostas de trabalho.**

Conheci Julio em 1965, no Hospital Escola São Francisco de Assis (UFRJ), onde eu trabalhava como professor auxiliar de ensino, quando ele foi convidado para iniciar ali um trabalho que visava realçar a importância da interação biopsicossocial no adoecer humano, designada como psicossomática. Naquela ocasião, já havia um trabalho de psicossomática na Santa Casa de Misericórdia, coordenado por Danilo Perestrello e Abram Eksterman. Por suas qualidades pessoais, Julio conseguiu sensibilizar não só estudantes, como também médicos residentes e vários professores daquele serviço e ultrapassar as resistências esperadas que haviam frente a uma proposta nova e talvez ameaçadora. Ao longo do tempo, o trabalho evoluiu para o estudo da relação médico-paciente e tornou-se interdisciplinar com a inclusão de outros profissionais, como enfermeiras e

assistentes sociais. Os assuntos abordados surgiam do dia a dia da prática clínica, sobretudo quando ocorriam dificuldades no acesso a algum paciente internado. Tendo em vista a meta inicial, que seria a humanização da relação médico-paciente, os resultados foram avaliados como positivos, gerando multiplicadores que, por trabalharem em outras instituições, puderam levar para além do nosso hospital aquela experiência. Em 1978, as várias disciplinas da UFRJ mudaram para a Cidade Universitária. Em 1979, Julio saiu da UFRJ para ocupar, como professor titular, a Psicologia Médica da UERJ. Esta foi apenas uma pequena parte do legado deixado pelo saudoso amigo Julio, que se estende por livros publicados, conferências, cursos e muitas outras atividades resultantes de sua grande capacidade de trabalho.

**Maury de Oliveira Queiroz**

**Julio de Mello, com sua irreverência e criatividade, audaciosamente convidou uma então ainda aluna para seu grupo de estudos sobre as ideias do psicanalista Donald Winnicott. Parece-me que foi muito criticado por seus colegas analistas titulares e didatas. Lembro-me que**

**alguns se retiraram do grupo. Assim era Julio: corajoso, ousado, inovador, original e, ante tudo, um homem avant la lettre. Um pouco mais tarde, não muito, convidou-me para fazer parte da equipe de professores do curso. Seu encanto por Winnicott, conhecimento e profunda busca pelos ensinamentos desse autor certamente influenciaram minha trajetória na Psicanálise.**

Estivemos juntos em muitas jornadas. Organizamos com alguns colegas, entre eles Anna-Maria Bittencourt, o primeiro evento do Brasil sobre o pensamento de Winnicott, em 1991, em comemoração aos 20 anos de morte deste que é considerado também um dos autores mais criativos da Psicanálise. Como fruto desse encontro, organizamos o livro *Winnicott 24 anos depois*, que até hoje é citado em artigos de diversos autores.

Um dos precursores dos estudos sobre Psicossomática, Julio organizou o livro *Psicossomática hoje*, com textos de profissionais extremamente qualificados. Antes (1976), publicou *Concepção Psicossomática: Visão atual*. No prefácio de seu segundo livro, *O Ser e o viver* (1989), Inaura Carneiro Leão afirma que "da mesma forma que Winnicott cami-

nhou da Pediatria à Psicanálise, Julio de Mello Filho, que começou sua caminhada na Medicina Psicossomática [...] aparece agora como um autor de um livro de Psicanálise". E mais, que Julio e Winnicott partilhavam um caminho numa busca corajosa para encontrar o *self* verdadeiro.

Em nosso último encontro, em 2013, compartilhando a mesa de abertura do VIII Encontro Brasileiro de Winnicott, em Bento Gonçalves, já com sinais da doença que tomava conta de seu corpo, mas não de sua mente, apresentou-se de forma brilhante. Foi muito aplaudido. Mais tarde, na mesa de autógrafos do seu último livro, *Vivendo em um país de falsos-selves* (2003), cuidadosamente colocada num canto do auditório principal, podia-se ver uma numerosa fila de pessoas jovens aguardando seu autógrafo, que a essa altura já era um rabisco. Mas não foi falando sobre Rabiscos que Winnicott iniciou sua indiscutível obra psicanalítica?

Julio de Mello Filho deixou um nome a ser respeitado. Um autor-médico e psicanalista para ser lido, estudado e compreendido. Suas ideias vão ficar por aí durante muitos anos. Não vamos dizer adeus.

**Anna Melgaço**

## VAI ACONTECER

**VISITA MARIE ROSE MORO – psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Paris**  
06 e 07 de março  
Local: Sede SBPRJ

**PSICANÁLISE & CINEMA**  
23 de março, às 19h

100 anos de Ingmar Bergman: Bergman e a Loucura I. Filme: "FACE A FACE", com Liv Ullmann – história de uma psiquiatra que sofre um surto com tentativa de suicídio.  
Coordenador: Luiz Fernando Gallego, psicanalista SBPRJ  
Local: Sede SBPRJ

**VISITA JOSHUA DURBAN, psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Israel, especialista em clínica com crianças e adolescentes com transtorno do espectro autístico, analista de crianças e adultos psicóticos**  
02 e 03 de abril  
Local: Sede SBPRJ

**PSICANÁLISE & CINEMA**  
13 de abril, às 19h

100 anos de Ingmar Bergman: Bergman e a Loucura II. Filme: "A HORA DO LOBO", com Max Von Sydow e Liv Ullmann – um pintor isolado numa ilha com sua mulher grávida começa a ver figuras bizarras e reproduzi-las em desenhos, até que sua mulher também as vê.  
Coordenador: Luiz Fernando Gallego, psicanalista SBPRJ  
Local: Sede SBPRJ

**VISITA MARILIA AISENSTEIN, psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Paris**  
24 e 25 de abril  
**Conferência: O enigma da dor**  
Local: Sede SBPRJ

**PSICANÁLISE & CINEMA**  
25 de maio, às 19h

100 anos de Ingmar Bergman: Bergman, o silêncio de Deus e a Loucura III. Filme: "ATRAVÉS DE UM ESPELHO", com Harriet

Andersson, Gunnar Björnstrand, Max Von Sydow. Karin, recém-saída de uma internação psiquiátrica, seu marido, irmão e pai numa ilha. O pai, escritor, usa os delírios da filha em seus livros enquanto ela e o irmão mais jovem se aproximam do incesto.  
Coordenador: Luiz Fernando Gallego, psicanalista SBPRJ  
Local: Sede SBPRJ

**PSICANÁLISE & CINEMA**  
22 de junho

100 anos de Bergman IV. Filme: "CONSTRUTORES DE IMAGENS". Feito para a TV, penúltimo filme de Bergman, uma peça teatral que ele dirigiu reunindo personagens baseados em figuras reais. Legendas em espanhol.  
Coordenador: Luiz Fernando Gallego, psicanalista SBPRJ  
Local: Sede SBPRJ

**Mais informações: [www.sbprj.org.br](http://www.sbprj.org.br)**

## “É preciso transver o mundo”

Novas patologias? Novas teorias? Novos métodos? Novos paradigmas? O que se transforma em Psicanálise? O que se desconstrói no divã? Quem se transforma no processo psicanalítico? O que é Psicanálise?

A arte, essa doce pioneira, sempre dá a tônica do turbilhão de emoções pelo qual todos nós somos atravessados. Em tempos em que, no Brasil, manifestações artísticas são severamente atacadas e coibidas, mais do que nunca se torna necessário que atentemos para o valor premonitório de obras de arte que transcendem o tempo. Freud nos inspira e nos convoca nesse sentido; sua obra é permeada de referências artísticas, de Michelangelo a Schiller, de Goethe a Leonardo Da Vinci. E, claro, Shakespeare.

A importância desse ato freudiano não é pequena; penso que o autor nos convida a *transgredir* uma forma de pensamento unívoca. Trata-se de um convite à *complexidade*, ao pensar que aspira ao infinito. Ao mesmo tempo, é necessário que haja consistência e rigor nesse ato de transgressão que é próprio à Psicanálise. Dessa forma,

acredito que para o nosso exercício é necessário que estejamos abertos às infindáveis desconstruções, pequenas mortes que permitem a ascensão de novos pensamentos.

Como é possível pensar em uma Psicanálise *orgânica, transgressora e complexa*? Como pensar em uma Psicanálise que dialogue abertamente com a sociedade e que compreenda o seu lugar na cultura? Encontramos uma extensa produção bibliográfica de autores renomados que se debruçam sobre a temática das transformações no processo analítico, assim como as desconstruções próprias ao trabalho de simbolização. Porém, vou seguir as indicações do velho Freud e permanecerei nesse devaneio criativo para lançar algumas inquietações: estamos abertos às desconstruções? Quem se transforma no campo psicanalítico? O que precisamos desconstruir para exercer o nosso ofício?

O poeta Manoel de Barros nos ensinou a preciosidade que é a nossa *capacidade imaginativa* e de que maneira é preciso que estejamos abertos à desconstrução de uma forma linear de pensamento.

*Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):*

*A expressão reta não sonha.*

*Não use o traço acostumado.*

*A força de um artista vem das suas derrotas.*

*Só a alma atormentada pode trazer para a voz um*

*Formato de pássaro.*

*Arte não tem pensa:*

*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.*

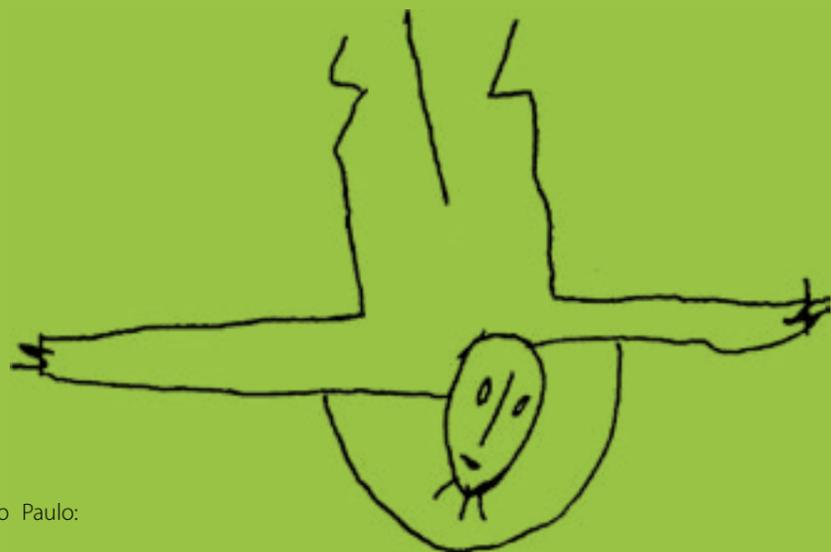
*É preciso transver o mundo. [...]*

(BARROS, Poesia completa p. 349)

Encerro esse breve devaneio na esperança de ter instigado os leitores a participarem do próximo Congresso da Fepal, em Lima, no presente ano, cuja temática será “Des-construções e Transformações”. Certamente um tema abrangente, mas que permitirá que reinventemos, juntos, a Psicanálise por meio do compromisso científico com as nossas próprias incertezas. Reencontramos, então, o convite freudiano à complexidade e ao diálogo permanente com as outras disciplinas. Ou reencontramos Manoel de Barros, ao nos dispormos a transver o mundo. Vamos lá?

■ Daniel Senos

danielsenos@gmail.com



Referência Bibliográfica  
BARROS, M. Poesia completa. São Paulo: Leya, 2010.



## A criança frente à situação de litígio dos pais

Falar em divórcio nem sempre é falar subjetivamente em separação. Muitos casais se separam, mudam de casa e até de país; e as disputas continuam. Esse fato é observado na maioria dos casos que chegam ao judiciário. O que se nota é uma grande dificuldade do casal conjugal em se separar emocionalmente. O litígio passa a ser, nesses casos, uma espécie de vínculo de ódio entre eles, demonstrando objeção em pensar, lidar com renúncias, escolhas, e, principalmente, em assumir com maturidade o término de algo que outrora fora investido. Pensando por este viés, não é a separação em si que afeta os filhos, mas a forma como os pais a conduzem. Em alguns casos, a separação de um casal pode ser a direção mais acertada. Todavia, quando se tem crianças envolvidas, é preciso salvaguardá-las.

O judiciário não é o melhor lugar para se resolver conflitos emocionais. Contudo, foi este

o lugar que escolheram para viver e reviver a dor da quebra do elo afetivo. Se examinarmos um pouco mais a fundo, escutaremos os ecos das apelações insatisfeitas dos desencontros amorosos. Tudo isso na expectativa de uma reparação externa por meio da “justiça”. À espera de um juiz que se pronuncie em defesa e se coloque na posição de regular o irregular. Como se regula sentimento? Como ficam essas pessoas? Provavelmente brigando, usando os filhos como armas contra o outro e, acreditem, tudo isso sendo dito e feito “em nome do amor”.

No meu entendimento, a contribuição da Psicanálise ao judiciário é a descoberta de que nós, seres humanos, temos um inconsciente, portanto, estamos diante de um enigma.

A criança não possui competência psíquica para decidir sozinha assuntos que são dos adultos. Um dos papéis dos pais

é garantir ao outro o lugar de sua função paterna e materna separando, assim, conjugalidade de parentalidade. Isso quer dizer que a primeira pode acabar, mas a segunda é para sempre. A criança é o retrato vivo do vínculo passado do casal – que não pode ser apagado. Lidar com o fato de que a criança é uma pessoa e não lhe pertence como objeto tem sido um grande desafio para muitos pais que acreditam que após a separação o filho passou a ser sua propriedade particular.

Diante de uma situação de brigas de seus genitores, a criança, quando envolvida, perde uma parte de seu referencial de base. Isso poderá trazer sérias consequências para a formação de sua personalidade.

Se pudermos acompanhá-la no processo de elaboração daquilo que não foi possível digerir emocionalmente, talvez estejamos oferecendo à criança a oportunidade de (re)-significar sua história.

O que torna uma experiência traumática é a incapacidade do aparelho psíquico em recuar segundo o princípio de constância causado pelo excesso de excitação. Por trauma entende-se: acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra o sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica.

Em minha experiência como psicanalista e perita em processos judiciais, penso que todos os casos relacionados à subtração internacional de menor e a guarda de crianças deveriam ser encaminhadas ao acompanhamento psicológico de toda família, por se tratar de uma família disfuncional. Com atenção principal à criança, a maior prejudicada. O acompanhamento psicológico é uma nova chance de um novo começo.

Privar ou obstaculizar o contato afetivo da criança com um de seus genitores pode ser entendido como abuso emocional.

■ Renata Bento

renatabento.psi@gmail.com



# Michel Laub



Michel Laub nasceu em Porto Alegre, em 1973, e vive em São Paulo. Escritor e jornalista, publicou sete romances, entre eles *Diário da queda* (2011) e *O tribunal da quinta-feira* (2016). Seus livros saíram em 13 países e 10 idiomas. Recebeu os prêmios JQ Wingate (Inglaterra), Transfuge (França) e o Jabuti (2º lugar), entre outros, e foi finalista do International Literary Dublin Award, o Correntes d'Escritas (Portugal) e o Portugal Telecom (três vezes). Aliando rigor estético a um estilo supostamente autobiográfico e intimista, o escritor vem construindo narrativas que avançam em espiral, cujo centro, por mais que o leitor se aproxime dele, está sempre em outro lugar. *O tribunal da quinta-feira*, seu último romance publicado, vem acrescentar mais uma volta nessa espiral ascendente, iniciada com *Diário da queda* e continuada com *A maçã envenenada* (2013), que tratam dos dramas individuais a partir de acontecimentos históricos.

## Em que ponto você está?

No momento, em crise. Faz mais de um ano que publiquei o "Tribunal" e não sei ainda o que farei daqui pra frente – se é que vou continuar escrevendo. Isso sempre acontece, de um modo ou outro, quando termino um livro.

Um dos temas abordados em seu último romance, "O tribunal da quinta-feira", é a questão da *intimidade*, que foi justamente o tema do último congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), ocorrido em julho passado, em Buenos Aires. No livro, um publicitário tem a vida devassada após a ex-mulher revelar nas redes sociais as opiniões sexistas sobre amor, sexo e traição, que ele compartilhou em segredo com o melhor amigo. O que o levou a escrever sobre esse assunto hoje?

Inicialmente, o tema geral da tolerância, que tem a ver com um tema sempre tratado nos meus livros: identidade. A fronteira entre tolerância e intolerância é a medida em que o mundo nos aceita como somos. O que a ficção faz é descrever esse mundo, os fatores históricos, sociológicos e políticos que fazem essa medida estar menor ou maior em determinada época, a partir de uma história individual.

Apesar das características misóginas e politicamente incorretas do narrador, não sentimos desprezo, mas, antes, empatia pelo publicitário ao testemunharmos sua queda em direção ao abismo (o afastamento da empresa, a ameaça de ruptura amorosa, o medo de ter contraído o HIV). Poderia nos falar um pouco sobre suas intenções ao criar esse personagem? Qual o lugar da empatia na sua ficção?

Isso depende de cada leitor. Quando se escreve em primeira pessoa, esta pode ser uma vantagem ou desvantagem: você chama o público para o seu ponto de vista, faz com que ele veja o mundo pelos olhos desse narrador, e isso muitas vezes vira sinônimo de empatia. Eu gosto da ideia de fazer o leitor se identificar com o que não concorda. É algo que só a arte parece capaz de fazer hoje em dia, já que no resto dos discursos da sociedade (política, moral etc.) as ideias são estanques, só falam a quem já concorda com elas.

Em muitos aspectos, a narrativa se assemelha ao próprio movimento da Psicanálise, de idas e vindas entre passado e presente, o mundo interno em oposição ao mundo externo do narrador, as fantasias, interpretações e construções. Comente sobre isso e o processo de elaboração do romance.

Talvez uma narrativa ficcional sempre seja isso: uma investigação. Que é sobre os personagens, claro, e também sobre o próprio autor. Há um paralelo evidente aí com a Psicanálise, se é que a Psicanálise pode ser reduzida a isso (não sou do ramo, posso estar sendo generalista).

"O tribunal da quinta-feira" começa e termina problematizando experiências muito primitivas e, ao mesmo tempo, constitutivas da subjetividade, desde um sadismo que marca as relações entre os personagens no início da trama passando pelo narcisismo e seus avatares dos capítulos finais. Se podem parecer patéticas à primeira vista, ou mesmo escatológicas para os mais conservadores, essas mesmas experiências parecem definidoras se não do nosso *zeitgeist*,



para usar uma palavra da moda, ao menos da visão de mundo do narrador. Comente sobre os dramas individuais de catástrofes históricas iniciados com "Diário da queda", seguido por "A maçã envenenada", o segundo volume da trilogia.

Minha intenção nesses livros (não sei se dá para chamar de trilogia, isso acabou virando apenas um rótulo) era fazer alguma relação entre história e indivíduo. O que não é novo, pelo contrário: para quem não vê o mundo de modo excessivamente ideologizado, precisando formar narrativas gerais para explicar cada pequeno acontecimento, a noção de que "história" é o que vivemos no dia a dia é bem comum. Isso acaba contaminando a ficção: quando vou falar de um personagem, não posso botá-lo vivendo a "grande história" todo o tempo. Ele acorda, toma café, trabalha, faz sexo, conversa com os amigos etc. E naturalmente essas pequenas coisas se relacionam com a época dele. Se você construir um personagem verossímil em 2018, falará do *zeitgeist* de 2018.

Em alguns momentos da narrativa, você parece acentuar propositalmente as linhas de tensão entre ficção e ensaio. Assim como os psicanalistas mais originais trouxeram contribuições de outros campos à Psicanálise, os grandes romancistas também têm suas narrativas atravessadas por saberes alheios à ficção, como o ensaio, a filosofia, etc. Fale um pouco sobre o atravessamento do romance por outras formas narrativas e as perspectivas que você vê para o futuro do romance em relação a isso.

No meu caso, desde o "Diário da Queda", ao menos, foi a forma de conseguir dizer mais coisas do que eu vinha dizendo nos romances anteriores. Quando você se limita a contar uma história, alguns limites de eficiência narrativa dessa história (certas coerências de linguagem, arquitetura e construção psicológica) obrigam o ficcionista a jogar muita coisa interessante fora. Se eu já começo o livro com um tom ensaístico, ao contrário, ou consigo fazer essa mescla de ficção pura com ensaio disfarçado de ficção, cabem mais coisas, digamos assim. E posso aliviar parte da responsabilidade de falar sobre temas muito amplos e graves – o Holocausto, por exemplo – porque tudo está na boca de um narrador ficcional, então a responsabilidade é dele. Em



Michel Laub

relação ao futuro do romance, ao menos os meus, este é um achado que dificilmente vou abandonar. Mas que vai mudando de livro para livro. No "Tribunal", a maneira de fazer caber "mais coisas" foi criando um narrador irônico que imita discursos alheios (o médico, o corporativo, o feminista, o fascista) para dizer o que queria dizer sem precisar assumir inteiramente o que estava dizendo. É um truque do livro – que pouca gente percebeu, por sinal. E é um truque de natureza meio ficcional, meio ensaística.

Desde "Animais", seu texto selecionado para a edição da prestigiosa revista *Granta*, em português, um exercício de elipse e deslocamento, passando pelo aclamado "Diário da queda", até o atual "O tribunal da quinta-feira", percebe-se um rigor estético e um compromisso entre forma e conteúdo raramente vistos na literatura brasileira. Como você chegou a essa "formação de compromisso", para usarmos um termo da Psicanálise, entre ética e estética?

A resposta está um pouco na pergunta anterior. De resto, para um escritor de ficção, a ética e a estética se misturam a tal ponto que é difícil enxergar os limites entre uma e outra. Porque o que temos a dizer só tem algum valor se dizemos numa forma x, que só nós conseguimos alcançar. Se um romance valesse apenas pelas ideias, ele nunca poderia ser original – imagina um autor brasileiro de 2018 concorrendo com todos os filósofos desde a Grécia...

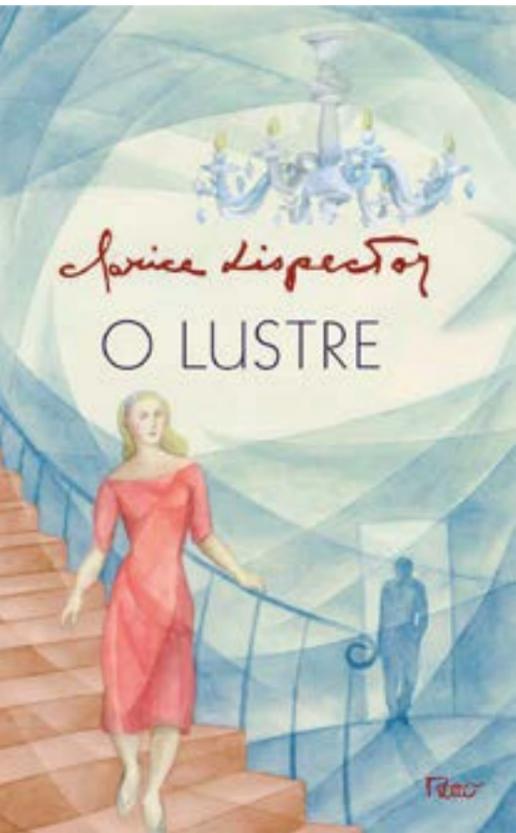
O que você deseja com sua literatura? Qual é o seu desejo enquanto escritor?

Esta é a pergunta mais simples e a mais difícil. Dá para responder de modo simples – quero me expressar, quero fazer alguma diferença para o leitor, esse tipo de coisa – ou mais difícil (e talvez mais honesto): no fundo, eu não sei.

■ Tiago Franco

tiagofranco@gmail.com

# O lustre



Título: **O lustre**  
 Autora: **Clarice Lispector**  
 Editora: **Editora Rocco**  
 Páginas: **271**

Sento para escrever sobre *O lustre*, em meio à chegada derradeira do calor carioca, em meados de janeiro, entre notícias de retrocesso, desesperança e violência que me chegam de todos os cantos do celular, esse incrível e monstruoso artefato que amplia (muitas vezes

reduzindo) o contato com o planeta. Eis que uma boa notícia aporta à telinha: a confirmação do *II Congresso de Língua Portuguesa de Psicanálise*, que acontecerá em Cabo Verde, em novembro deste ano. O tema *As rotas da escravidão* abre a possibilidade de pensarmos e tornarmos discurso a ferida ainda pulsante e fortemente presente em todos aqueles que aqui vivem, seja na carne ou na cegueira, direta ou indiretamente.

Para os psicanalistas, a dor de nomear e travar contato é redentora da dor que silencia, destrói, ignora e corrói os seres humanos. E o acontecimento de um congresso como este precipita uma série de expectativas, esperanças e o desejo de trocas enriquecedoras. O que esperar do futuro próximo e distante? Como ressignificar o passado, atravessar suas amarras, em meio a este mundo caótico de início de século?

De súbito, vem-me a lembrança de José Eduardo Agualusa em sua coluna do jornal *O Globo*, em 1º de janeiro de 2018, compartilhando seus receios com o novo ano. Ele escreveu: *Por muitas maldades que 2018 nos reserve, se tiver bons livros pra ler, e boa música para ouvir, acho que resisto*. E resistir com Clarice Lispector é viajar na aventura da língua portuguesa de forma absoluta.

Escrito entre 1943 e 44, no período da Segunda Guerra Mundial, quando se muda para Nápoles, Itália, acompanhando seu marido diplomata, *O lustre* é o segundo livro de Clarice, publicado em 1946. Menos comentado que outras grandes obras da escritora, sua leitura é um encontro sensorial, um contato forte e perturbador com a intimidade da mente. Nele, o leitor se depara com *Virgínia*

desde sua infância, em *Granja Quieta*, nos verdes e provincianos arredores de *Brejo Alto*, até a vida adulta, na cidade grande, na tentativa de sair dos seus limitados e reprimidos horizontes. *Virgínia vive a beira das coisas, ...numa distração séria*, uma existência que vai se engendrando no leitor que, a cada página virada, se deixa cair no precipício dos pensamentos, sensações e sentimentos da menina roceira. E depois, da mulher que tenta desabrochar pelas frestas dos encontros na cidade e se retrai a cada toque, a cada investida da realidade. A paixão pelo irmão Daniel serve de bússola para a personagem, que transita entre o desamparo e a vivacidade de suas experiências infantis.

Clarice Lispector possui o dom de dançar com as palavras fora da zona de conforto; poética e avassaladora. O encontro com *Virgínia*, sua família e seus amores não será tranquilo, nem muito menos previsível. É a oportunidade de fazer contato com a textura espessa da língua portuguesa, que, ao longo das páginas, eclode numa cadência ondulante mostrando mais e mais da intimidade de um ser humano. Ganha o leitor que conseguir ler sem nada esperar, sem desejar compreender, sem procurar a linearidade das coisas. Aqueles que, de alguma forma, têm intimidade com o encontro psicanalítico encontrarão na beleza pungente desta escrita de Clarice Lispector a descrição, a inquietude e a vivacidade das brincadeiras infantis, dessas que, muitas vezes, nos desconsertam no livre e desnudado contato com as crianças e adultos que buscam se libertar do silêncio oco, da dor e das histórias não nomeadas. De 1946 para 2018, seguiremos em frente.

■ **Samantha Nigri**  
 sanigri@uol.com.br



## Pequena história de paralelismos entre o Cinema e a Psicanálise

### 9º capítulo: cineastas europeus levam a Psicanálise para Hollywood

Já mencionamos que o nazismo provocou uma diáspora entre psicanalistas europeus, especialmente judeus, comunistas e antinazistas. O mesmo ocorreu com alguns cineastas europeus: o exemplo mais notório é o de Fritz Lang, que teria sido convidado por Goebbels, ainda em 1933, para assumir um importante cargo na cinematografia alemã visando filmes políticos de propaganda. Ele fugiu na mesma noite em que foi convidado e tal função acabou sendo exercida por Leni Riefenstahl, cujas obras mais famosas são seus filmes de propaganda para o partido nazista. Seus filmes de ficção não mereceram maior atenção dos estudiosos de Cinema, tendo sido relegada a um vergonhoso ostracismo após a guerra, ao passo que Lang é um dos nomes mais importantes na história dos filmes, influente e instigante.

Não interessam para este capítulo suas obras expressionistas do silencioso (*"Metrópolis"*) ou seus primeiros filmes da série *Dr. Mabuse* – tidos como premonição de Hitler e do nazismo: importam aqui seus filmes de conteúdo social rodados na América, como *"Fúria"* (1936), denunciando o linchamento como forma de "justiçamento" – e filmes antinazistas feitos durante a guerra, ficções que também eram propaganda, justamente contrárias ao que Goebbels queria: *"O Homem que quis matar Hitler"* (1941) e *"Os Carrascos também morrem"* (1943), que traz a curiosa participação de Bertold Brecht no roteiro.

Passado o perigo nazista, Lang enveredou por filmes *"noir"*, estilo que mereceria um livro pela possível leitura psicanalítica que os melhores títulos do gênero podem sugerir. Em Lang, sonhos e pesadelos dos personagens são importantes no enredo de *"Um Retrato de Mulher"* (1945), *"Almas Perversas"* (1946) e *"O Segredo da porta fechada"* (1948) – que têm propiciado várias interpretações da crítica utilizando conceitos da Psicanálise

freudiana clássica. Podem parecer um tanto ingênuos para uma abordagem psicanalítica mais recente, mas imaginemos que efeitos inconscientes teriam provocado nos espectadores de seu tempo, além do "prêmio de estímulo estético" que Freud menciona nos textos sobre arte (como em *"Tipos Psicopáticos no Palco"*, dentre outros).

Mas foi Alfred Hitchcock (que não saiu da Inglaterra por causa do nazismo, mas que também dirigiu obras antinazistas na América) quem realizou aquele que é considerado o mais evidente sucessor na linhagem de "filmes psicanalíticos" – como o inaugural citado no capítulo 4 desta série: *"Segredos de uma alma"*, de 1926.

O de Hitchcock foi lançado em 1945 com título original *"Spellbound"* (no Brasil, *"Quando*

fala o coração") e teve participação do surrealista Salvador Dalí nos cenários e concepção das sequências de sonhos do personagem interpretado por Gregory Peck. Sonhos estes "interpretados" por sua psiquiatra (Ingrid Bergman) e por uma espécie de "supervisor" *stand by* que não deixa de lembrar uma caricatura de um Freud ao lado dos bons propósitos e com sotaque alemão – embora o ator fosse um emigrado da Rússia, Michael Chekhov, sobrinho do grande escritor Anton Chekhov.

Este filme também é estudado no livro de Patrice Lacoste referido anteriormente: *"Psicanálise na Tela: Pabst, Abraham, Sachs, Freud e o filme Segredos de uma Alma"*, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1992". Voltaremos a Hitchcock.

■ **Luiz Fernando Gallego**  
 luizgallego@gmail.com



Cena do filme *"Quando fala o coração"* (1945), de Alfred Hitchcock

**Tania, há quanto tempo você é membro do Women Wage Peace e como decidiu entrar para a ONG?**

Sou membro do movimento desde novembro de 2014. No verão de 2014, meu filho me deu a notícia maravilhosa de que íamos ser avós. Fiquei felicíssima e, imediatamente, me veio à cabeça a pergunta que todas as mães aqui em Israel se perguntam: o que acontecerá com meu neto/neta quando chegar aos 18 anos? Logo me dei conta que me havia feito a mesma pergunta quando meus filhos nasceram. O que fiz para mudar isso? NADA. Foi então que percebi que não poderia continuar sentada na minha poltrona confortavelmente e esperar que algo mudasse. Eu tinha que tomar alguma atitude e tentar fazer o máximo para que quando meus netos chegassem à idade de 18 anos, não tivessem que lutar em guerras. Comecei a procurar movimentos políticos que pensassem como eu pensava. Sentia que, apesar de existirem movimentos pela paz no país, eu procurava algo mais feminino, que falasse uma língua mais feminina. Li que um movimento chamado Mulheres Fazem a Paz, Women Wage Peace, estava organizando um trem da paz que iria de Naharia, no norte do país, até a cidade de Sderot, no sul, e que pediam que as mulheres fossem vestidas de branco. Sderot é uma das cidades mais bombardeadas na fronteira com Gaza. A maioria, se não todos naquela e outras cidades do sul, sofrem de estresse pós-traumático pelos constantes bombardeamentos, principalmente as crianças. Participei desse trem e, em Sderot, foi feita a abertura oficial deste movimento. Após ouvir as propostas, me inscrevi.

**Como essa ONG se formou?**

Em julho de 2014, quando uma turma de mulheres chegou ao seu extremo de dor e sofrimento com a violência e as guerras e decidiu que *"Chega! Não mais! Enough is enough"*. Esse grupo começou a se encontrar e partir para atuar, organizando esse trem pela paz, do qual 1.000 mulheres participaram inicialmente.



Tania Harkavi

**A ONG conta com mulheres árabes apenas de Israel ou de outros países árabes também?**

Women Wage Peace é um movimento amplo, horizontal, apolítico, que acolhe mulheres de todas as seitas religiosas e políticas, árabes e israelenses, judias, muçulmanas e cristãs, religiosas e não religiosas, de direita, centro e esquerda, da periferia e do centro. Trabalhamos em equipes. Não temos líderes. Uma das equipes é a equipe de direção, que tem quatro mulheres e a cada ano fazemos eleições para escolher uma nova equipe diretora. Trabalhamos muito no diálogo. Como temos opiniões diferentes, temos muito diálogo. Entendemos que, mesmo que não concordemos em tudo, temos uma meta final conjunta, que é o acordo. Esse movimento é totalmente israelense. Nós atuamos frente a nossos líderes (em Israel) e não frente ao lado palestino. Temos mulheres árabes só de Israel. Mas já há no lado palestino mulheres que também sofrem e que decidiram que chega de violência e também estão se organizando frente aos seus líderes.

Temos uma equipe que se chama Contatos com Palestinas, que entram numa cidade da Cisjordânia chamada Beit Jallah para se encontrar e conversar com elas. No ano passado, houve uma Marcha pela Esperança aqui em Israel, onde 1.000 mulheres palestinas vieram caminhar conosco numa parte no Mar Morto. Em 2017, fizemos uma Jornada pela Paz e vieram 3.000 palestinas caminhar conosco. Mas nossas exigências são junto ao nosso Parlamento e não ao palestino.

**Na sua opinião, qual a importância desse movimento ser feito por mulheres? Qual a influência que as mulheres podem ter na paz? Trata-se de um movimento de mulheres, de mães ou não há diferença?**

Esse movimento tem duas propostas: fazer um acordo com os palestinos que seja viável e respeitoso de ambos os lados e que mulheres façam parte da mesa de conversações e de resoluções, de acordo a Resolução 1325 da ONU, que diz que mulheres, por serem as mais afetadas pelas guerras, têm o que dizer com relação à tomada de decisões que influenciará suas vidas e de suas famílias. Mulheres têm uma forma diferente de ver e entender situações e foi comprovado que as resoluções em que elas participam são de melhor qualidade e mais duradouras.

Somos 51% da população e mães, filhas, avós, tias, esposas dos outros 49%. Temos uma forma de olhar a vida diferente dos homens. É claro que há exceções, mas temos uma inteligência sentimental mais avançada. E até hoje os homens, na sua maioria, só trouxeram guerras para resolver conflitos. Veja a Libéria e o movimento de mulheres que conseguiu levar o país a terminar uma guerra sangüinária. A Irlanda do Norte também terminou anos de guerra com a ajuda das mulheres. Como disse a rainha Noor, da Jordânia, no seu



Twitter depois de colocar um vídeo da nossa Jornada pela Paz: "mulheres, mais do que homens, tendem a pôr em primeiro lugar suas famílias e suas comunidades."

E temos a Resolução 1325 que comprova por que mulheres têm que fazer parte de todas as mesas de resoluções.

Não somos contra os homens. Temos 15% de homens no movimento que acreditam nas mulheres e na nossa forma de atuar. Somos um movimento que é pró e não contra. Somos, hoje, um movimento de quase 30.000 pessoas. Crescemos assim em apenas três anos. Queremos chegar a ser um movimento de grande postura, pois só assim poderemos influenciar mais os nossos políticos. Este ano estamos entrando no parlamento uma vez por semana para perguntar aos nossos políticos o que fizeram para acabar com a violência e nos aproximar da paz. Somos persistentes e não tão fáceis de amedrontar. Acreditamos que a segurança do país não virá de armamentos e guerras. Violência não se trata com violência.

O movimento é de mulheres e não só de mães. Há muitas que não são mães. As mulheres são de todas as idades. Abrimos este ano um grupo de jovens de 20 a 40 anos.

**Nos vídeos das marchas da WWP, vemos mulheres todas cobertas e associamos tais vestimentas a movimentos ortodoxos, tanto árabes, quanto judeus. Como mulheres ortodoxas, que não costumam ter voz ativa ou autonomia em suas respectivas comunidades religiosas, se envolvem em um movimento como o WWP?**

Quanto as mulheres religiosas que temos no movimento, tanto as muçulmanas quanto as judias, (as judias não são ortodoxas de Mea Shearim, em Jerusalém, que vivem confinadas dentro da sua comunidade) são religiosas mais liberais que veem a paz como a coisa mais importante para suas vidas e famílias. O mesmo passa com as muçulmanas. São religiosas, usam na cabeça o hijab, mas estudaram e vivem uma vida mais aberta e de mais liberdade.

Assista ao vídeo da marcha:

<http://womenwagepeace.org.il/en/>

Entenda a Resolução 1325 da ONU:

<http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/paz-e-seguranca/>

**Gabriela Pszczol Krebs**  
gabi.pszczol@gmail.com